



CULTURA, IDENTIDADE E CORPORALIDADE NA IDADE MÉDIA: uma análise do filme “O Físico”

Virginia Arlinda da Silva Cardoso¹

Flavia Helena de Faria²

Rita de Cássia Pereira Farias³

RESUMO

As concepções sobre o corpo e a religião na Idade Média trazem uma inquietação no ser humano, que repercute decisivamente nas atitudes e decisões do povo daquela época, pois a cultura expressava unidade entre corpo e alma e as doenças do corpo eram vistas como castigo para a alma. O presente artigo traz uma análise do filme “O Físico” sob a perspectiva sociológica, tratando de temas referentes à cultura, identidade e corporalidade na Idade Média. O objetivo é mostrar como esses temas podem interferir na maneira como as pessoas veem a si mesmas e aos outros. Os temas abordados ao longo deste estudo refletem o que diversos autores destacam como a socialização do corpo, carregado de significados e funções que se materializam conforme a época e os costumes de um povo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Identidade. Cultura.

ABSTRACT

The conception of the body and religion brings a concern to the human being, which has a decisive impact on the attitudes and decisions of a people and of an era, in which culture was a unity between body and soul and the body diseases were seen as punishment for the soul. This article presents an analysis of the movie “The Physician” from a sociological perspective, dealing with themes related to culture, identity and corporality in the Middle Ages. The purpose is to show how these themes can interfere with the way people see themselves and others. The themes approached along this research reflect what many authors point out as the socialization of the body, imbricated with meanings and functions that materialize according to the time period and customs of a people.

KEYWORDS: Body. Identity. Culture.

¹ Graduada e Mestre em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa - MG. E-mail: viviecd@yahoo.com.br

² Mestra em Administração pela Faculdade Novos Horizontes, especialista em Controladoria e Finanças pela Universidade Federal de São João Del Rei. Graduada em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de Conselheiro Lafaiete. Professora credenciada no curso de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: flaviahfaria@yahoo.com.br

³ Doutora em Antropologia pela Unicamp. Possui graduação e mestrado em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. Professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: farias.rcp@gmail.com

INTRODUÇÃO

A existência corporal está imbuída no contexto social e cultural de cada sociedade. O corpo é o canal pelo qual as relações sociais são organizadas e vivenciadas. Neste sentido, o campo sociológico se apresenta como possibilidade de entendimento acerca das representações e dos imaginários que os atores constroem acerca do corpo, no âmbito individual e coletivo.

Conforme Le Breton (2007. p. 8), "*o processo de socialização da experiência corporal é uma constante da condição social do homem*". Em outras palavras, a dimensão simbólica do corpo, temática desse artigo, se refere ao sentido produzido por ele, inserindo-o dentro de um espaço social e atribuindo a ele uma dimensão social e cultural. Nesta perspectiva, o filme "O Físico" é uma interessante forma de retratar as imbricações que se estabeleciam entre a cultura, a identidade e corporalidade na Idade Média.

Considera-se que esse filme favorece diferentes "leituras" a respeito de temas relacionados aos aspectos corporais, culturais e identitários, tendo em vista uma série de situações vividas pelos personagens em uma época marcada por tabus, dogmas e controle do corpo, principalmente pela religião.

O filme aborda a incipiente medicina medieval da Inglaterra do século XI, período no qual os curandeiros ou médicos eram chamados de físicos. Neste cenário surge a trama que tem como personagem principal Rob Cole, ainda criança, que trabalha em uma mina de carvão para ajudar no sustento da família. Um dia, ao voltar para casa ele conhece Barber, barbeiro e mágico que ganha a vida fazendo pequenos tratamentos de saúde, mágicas e truques de circo. Rob se encanta com a performance do barbeiro e acredita em suas palavras quando diz que apenas ele pode curar todas as doenças.

Já em sua casa, Rob divide o pão que comprou com a mãe e os dois irmãos mais novos. Neste momento ele percebe que sua mãe não está se sentindo bem. Ao avançar da noite ela fica ainda mais doente e então Rob parte em busca do barbeiro a fim de que o mesmo cure sua mãe. Ao chegarem à sua casa, Rob e o barbeiro Bader encontram um padre que afirmava que a doença da mulher não tinha cura, uma vez que se tratava da "doença do lado" (termo usado para denominar o que mais tarde foi chamada de apendicite aguda). Tal enfermidade assolava muitas pessoas na Idade Média e não existia cura devido às inúmeras limitações impostas àqueles que se dedicavam a tratar os doentes, principalmente as relativas à violação de cadáveres e a falta de conhecimento de como era o corpo humano por dentro.

O garoto pede a Bader que cure sua mãe, mas o barbeiro é repreendido pelo padre, alegando que qualquer tipo de curandeirismo é heresia e que não se deve questionar a Igreja. Por falta de conhecimentos médicos avançados e pelos limites impostos pela religião nada é feito em prol da mãe de Rob, que acaba falecendo. Com isso, ele e seus irmãos ficam órfãos e são separados, sendo entregues às famílias que os queiram criar. Como Rob é o mais velho, ele é relegado pelas pessoas que afirmam não ter como sustentá-lo.

Ao se ver órfão e sozinho, Rob busca abrigo no barbeiro Barber, que também o despreza. Apesar disso, o pequeno menino segue o barbeiro, às escondidas, e quando descoberto implora por acolhida. Muito a contragosto, o barbeiro acolhe Rob e, assim, o garoto cresce sob seus cuidados. Com o passar do tempo, Rob aprende a profissão de barbeiro, principalmente a cuidar de pessoas doentes, tornando-se assim assistente de Barber.

Em uma de suas consultas Rob toca um paciente e consegue pressentir sua morte. Ele conta ao barbeiro sua premonição e é desacreditado pelo mesmo. Quando o paciente é encontrado morto nas ruas de Londres, Rob e Barber são acusados de charlatanismo e de assassinato. Devido a isso, eles são espancados e deixados para morrer. Rob fica por um tempo desacordado e quando recobra os sentidos percebe que o amigo está inconsciente em uma carroça em chamas. Ele resgata Barber que sofre graves queimaduras nas mãos. Por esse motivo o barbeiro fica impedido de exercer sua profissão e então decide deixar Rob realizar as intervenções médicas guiado por ele.

Rob tem a sua primeira experiência médica ao amputar o dedo de um paciente. Ele fica fascinado com o procedimento e se interessa ainda mais pela medicina. Devido ao seu sucesso como substituto, Barber o nomeia barbeiro. Em meio à comemoração da sua nomeação, Rob percebe que a visão do seu mestre está piorando e ele não consegue mais enxergar claramente. Com isso, são informados da presença de um grupo de judeus que realizam cirurgias nos olhos, e assim, Rob encontra um caminho para a cura do amigo.

Os judeus, empregando técnicas modernas de cirurgia, devolvem a visão a Barber gerando um grande interesse, por parte de Rob, pela técnica apresentada por eles. Diante da insistência de Rob e por se sentirem prestigiados pelo grande interesse dele acerca das técnicas médicas, os judeus o informam que tais técnicas são comuns no Oriente e são ensinadas em escolas dedicadas ao ensinamento médico, sendo uma das mais importantes administrada pelo grande Ibn Sina, o mais famoso “médico” do Oriente.

Para aprender com ele, Rob decide fazer uma longa viagem rumo à Ásia e para isso esconde o fato de ser cristão, já que apenas judeus e árabes poderiam entrar na Pérsia. A viagem dura anos

e, ao chegar a Isfahan, cidade persa, Rob fica encantado com o que vê. Quando conhece o grande “hakim” (nome dado os médicos naquela época), Ibn Sina a afinidade acontece de imediato e logo se torna seu seguidor.

A epidemia da peste negra se alastra pela cidade de Isfahan e gera uma grande mobilização na população. Diante do caos causado pela peste se sobressai uma forma construtivista de aprendizagem, não só em relação à medicina, bem como à matemática, retratadas pela construção de um gráfico, que mostra de forma clara e didática, o número de mortos. Embora houvesse esses avanços, o conhecimento médico ainda era limitado devido, em grande parte, às limitações impostas pela religião, uma vez que a inviolabilidade dos corpos proibia a dissecação de cadáveres, (RODRIGUES, 1999).

Na parte final do filme, Rob já insatisfeito em estudar anatomia, apenas em porcos, decide furtar um corpo humano e dissecá-lo. Ao abri-lo percebe as inúmeras diferenças existentes e fica, durante dias, dissecando e desenhando cada parte do corpo, fazendo descobertas importantes para a medicina. O roubo do cadáver é descoberto e Rob é condenado à morte juntamente com seu mestre. Para salvar a vida do mesmo, Rob revela sua verdadeira religião, porém ele é desacreditado uma vez que trazia em seu corpo a marca da fé judaica, que é a circuncisão. Sua morte só é suspensa devido a um ataque de grupos inimigos ao castelo do Shah e à cidade de Isfahan.

Em meio a um ataque externo e vitimado pela “doença do lado”, o Shah, já conhecedor da transgressão de Rob sobre a dissecação, e acometido por essa enfermidade, ordena que ele o opere, uma vez que deveria se apresentar forte e apto para a batalha e defesa do seu reino. Auxiliado por Ibn Sina, Rob realiza a sua primeira cirurgia invasiva, salvando a vida do Shah. Rob recorda da mãe vitimada pela mesma doença e se sente salvando-a também. Devido ao seu trabalho bem-sucedido, o Shah o liberta e oferece escolta para ele e seu grupo fugirem da cidade em guerra.

Rob então ajuda na fuga de um grande número de pessoas, entre eles sua amada Rebecca, a qual conheceu durante o trajeto ao Oriente. Assim, ele retorna ao Ocidente levando sua medicina revolucionária. Com a ajuda de Rebecca e dos judeus que o seguiram até Londres, Rob cria o primeiro hospital nos moldes do Oriente e se torna um grande “hakim”, médico ou físico, naquele local.

Pensar o corpo na perspectiva do filme “O Físico” é pensa-lo como um elemento da cultura e também um lugar onde a cultura expressa as suas marcas, e como tal, ele está sujeito a regras, a códigos, à etiqueta e a tabus. Neste estudo pretendeu-se focar o corpo como um lócus onde os tabus se expressam, tais como: a magreza, obesidade, a orientação sexual, o corpo sarado, dentre

outros. Mesmo após tantos avanços e conquistas da humanidade o corpo ainda continua sendo um tabu em muitos aspectos. A gênese desse tabu do corpo pode estar na Idade Média uma vez que antes desse período, entre os gregos principalmente, o corpo era muito mostrado, exposto. É na Idade Média que se apresenta esse tabu, sobre o auspício da igreja católica. Neste sentido, pretende-se problematizar o cerne, a origem desse tabu do corpo através do filme *O Físico*.

A DOENÇA E O TABU DO CORPO

Ao longo do filme, as fronteiras culturais e o sincretismo religioso vivenciados por Rob materializam-se de diversas formas. Nestas cenas é possível perceber a alteridade que delimita e direciona a produção de sentidos sobre o personagem e sobre a trama. A análise, aqui proposta, se concentra em sequências selecionadas a partir do recorte de situações emblemáticas em que a dimensão simbólica, identitária e cultural acerca do corpo foram observadas.

A primeira cena analisada se desenvolve no interior da casa de Rob, lugar escuro, pouco arrumado e muito simples onde ele e os seus irmãos vivem com a mãe. Essa cena corrobora com as assertivas de Rodrigues (1999), quando destaca que os corpos medievais e seu entorno não se separavam de modo nítido. A casa típica de um camponês era de um único cômodo, no qual as diferentes funções cotidianas se superpunham, ou seja, ali se cozinhava, se dormia, se praticavam relações sexuais, se fazia a higiene corporal, dentre inúmeras outras atividades.

O cenário da casa mostra a mãe de Rob vitimada pela temida “doença do lado”, que não tinha cura e era um mistério para os curandeiros, a igreja católica e toda a população que vivia naquela época. Rob, assustado, procura a ajuda de Barber, um barbeiro, que naquela época podia ser considerado como o “médico do povo”. Como os feudos e reinos eram fechados em si mesmos, neste período era difícil as pessoas interagirem entre grupos de vilas e havia na Europa poucas profissões, mesmo que a necessidade fosse grande. Neste sentido, pouco pôde ser feito pela mãe de Rob, uma vez que os conhecimentos médicos eram limitados e as doenças eram consideradas como meios de purificação da alma.

A igreja católica, nesta época, exercia grande dominação sobre os fiéis e qualquer interferência nas concepções acerca da inviolabilidade dos corpos era punida com a fogueira. Conforme Rodrigues (1999), essa inviolabilidade devia-se à crença da inseparabilidade entre o corpo e a alma. Assim, violar o corpo era violar a alma, algo visto como profano.

Embora as dissecações fossem uma prática constante na Idade Antiga, elas foram proibidas pela igreja católica, sendo suspensas por mais de 15 séculos. Tais práticas só voltaram a ser realizadas

no fim da Idade Média (ECO, 2010). O autor salienta que obstáculos de ordem cultural, ligados ao cristianismo interferiram muito no desenvolvimento da anatomia, principalmente acerca da integridade do corpo em relação ao dogma da ressurreição dos mortos.

Outro aspecto que se colocava era a pouca estima que os barbeiros e cirurgiões possuíam naquela época. Esse fato é retratado em inúmeras cenas ao longo do filme, tais como a cena onde o barbeiro Barber é repreendido por um padre por questionar as convicções impostas pela igreja. Como também na cena em que Rob é condenado a morte por ter violado o corpo de um cadáver e, ainda, no momento em que ele fica constrangido quando é intimado pelo rei a fazer a sua cirurgia visando curá-lo da “doença do lado”.

As cenas do filme nos mostram que *“pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação introduzida na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo”* (LE BRETON, 1995, p. 65). Assim, o corpo emergido do universo medieval é um corpo social, cósmico e universal. A aparência e o interior eram indissociáveis, além disso, não existia separação entre o corpo e o restante do mundo (BAKHTIM, 1987). Sob esse ponto de vista, o corpo jamais poderia ser considerado como objeto; para os medievais, a putrefação era continuidade da vida, era húmus. Existiam valas coletivas que ficavam abertas até serem preenchidas por corpos e era comum ter em casa, os corpos em estado de putrefação.

Rodrigues (1999) corrobora os autores supracitados ao afirmar que o corpo medieval formava uma unidade, o espírito e a matéria não se separavam, ou seja: tudo o que se fizesse à matéria era ao espírito que, pelo mesmo gesto, se fazia. Por essa lógica, atribuía-se sentido à tortura e à dor: a punição sobre o físico era também sobre a alma. Neste mesmo sentido é que se recusava a cremação, repudiava-se a dissecação, a abertura ou profanação do corpo com a finalidade de observação. Neste tempo, o olhar científico pela oposição entre sujeito e objeto de observação não havia ainda conquistado legitimidade social.

Diante dessa concepção que indissociava corpo e alma, a cena da morte da mãe de Rob mostra que não se esperava dos barbeiros que adiassem a morte de uma pessoa, que prolongassem artificialmente a vida. Para as mentalidades medievais isso pareceria uma ofensa à vontade divina, um contrassenso que adia os prazeres do paraíso. Foi apenas por volta dos séculos XVII e XVIII que se desenvolveram mais intensamente o interesse dos indivíduos pelos meios de sentir-se bem, de conservar a saúde, de prolongar a vida e de perceber os sintomas e sinais das doenças. Essa nova concepção do corpo e a possibilidade da dissecação de cadáveres só foi possível após René Descartes

apregoar a separação entre o corpo e a alma, além da aceitação desses como coisas distintas (RODRIGUES, 1999).

IDENTIDADE RELIGIOSA E SUAS IMPLICAÇÕES COM O CORPO

A medicina árabe era, na Idade Média, rica em variantes devido às diferentes tradições das zonas geográficas e da aquisição de técnicas advindas de civilizações antigas, como a persa e a indiana. A medicina religiosa, fundida com algumas concepções da medicina científica apresentaram um notável florescimento nos séculos XIV e XV (ECO, 2010).

Com os estudos proibidos pela igreja católica na Europa, o oriente muçulmano oferecia mais espaço para o desenvolvimento da medicina. Apesar disso, a ciência não poderia se desenvolver livremente, pois a anatomia era ainda desconhecida devido à proibição da dissecação de corpos humanos pelos preceitos religiosos.

Assim, desde o século IV, a igreja católica assentou seu poder para impor seus domínios sobre o pilar político-religioso, sendo a responsável pela diversidade de representações sobre o corpo, existentes durante todo o período medieval. Consequentemente, seus preceitos fizeram surgir uma nova conduta moral nos padrões culturais da época. A importância do estudo deste tema encontra-se na compreensão da dinâmica das representações entre corpo e sociedade das tradições que se seguiram por longo tempo, impondo ao corpo a sua estrutura de comportamento e os limites de sua liberdade. (BAKTIM, 1987). Sob esta ótica procede a análise da segunda passagem do filme.

Rob, agora já adulto e com algum conhecimento da medicina ocidental, se depara com um fato que muda a sua vida. Ao perder a visão, o barbeiro Barber já não pode mais praticar seu curandeirismo. Rob fica sabendo da presença de judeus na região, que praticavam cirurgias de catarata e decide procurá-los para tratar do seu amigo.

Os judeus se divertem com seus questionamentos e zombam dele quando lhes perguntava sobre as técnicas empregadas para a cura da catarata, dizendo que o mestre deles não conta seus segredos. A resistência dos judeus em revelar os segredos da profissão reporta às discussões de Bourdieu (2001) sobre as lutas em torno do monopólio de campos legitimados socialmente, geradores de distinções simbólicas. O autor argumenta que para manter o seu poder simbólico, os grupos dominantes buscam concentrar o poder simbólico nas mãos daqueles que possuem competência social e técnica, bem como recursos materiais e culturais, que garantem o “monopólio dos profissionais”, com oligarquização social e concentração de poder nas mãos de um grupo seletivo.

Visando se inserir em um campo especializado, o indivíduo passará a ser movido pela busca do completo domínio dos elementos que constituem esse campo, do qual atuam um conjunto de agentes especializados. Uma vez inserido nesse campo legitimado socialmente, o especialista passa a ser reconhecido como habilitado a produzir, reproduzir, gerir e distribuir os bens simbólicos que estabelecem a legitimidade desse campo, como acontece com Rob, ao aprender as novas técnicas médicas.

Para manter as distinções simbólicas e a situação de monopólio, a cultura dominante busca unir os seus iguais e integrar os seus membros, ao mesmo tempo em que cria uma distinção que os separa daqueles que lhes são diferentes. Para isso, criam-se uma série de diferenciações entre em termos de qualidades, competências, habilidades, disposições e *habitus*, cujo aparato cultural é dominado apenas pelos conhecedores de seus códigos. Esse movimento de integração e separação legitima as diferenças pela distância que cria entre a cultura dominante dos especialistas e a cultura dos leigos que ficam excluídos desse círculo de saber/poder, tornando-se dependentes dos saberes dos especialistas. Dessa forma, os especialistas existem em um meio social no qual eles próprios são produtos de processos de socialização em que seus “conhecimentos” foram adquiridos socialmente.

Para Bourdieu (2001), o poder simbólico é um poder invisível que opera na construção da realidade e só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que o exercem como também daqueles que estão sujeitos a esse poder. O poder simbólico tende a estabelecer uma ordem social e uma concepção homogênea que torna possível a concordância entre as inteligências, estabelecendo consenso acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social.

A ingenuidade de Rob é percebida quando ele se considera colega dos médicos judeus por ser barbeiro, mesmo não possuindo os diferentes tipos de capital propostos por Bourdieu.

Quando Barber se recupera da cirurgia e recobra a visão, Rob decide acompanhar os médicos judeus em busca do conhecimento avançado que eles apresentavam. Porém, para acessar o mundo oriental e ter contato com esse conhecimento, o personagem se vê diante de uma difícil decisão: a mudança de identidade, uma vez que católicos não eram aceitos nas terras árabes do oriente.

Rob, mesmo mantendo internamente sua religião decide se fazer passar por judeu, realizando até mesmo a circuncisão (uma operação cirúrgica que remove o prepúcio do pênis por motivos religiosos, realizada por muçulmanos e judeus). Por não ter sido socializado na cultura judaica, é necessário a Rob uma grande atenção e investimento em sua nova corporalidade, para afastar os suspeitos quanto ao seu comportamento e seus modos.

Como parte do investimento em sua performance e, visando ampliar seu estatuto como médico, em uma cena do filme, Rob diz que quanto mais doloroso o tratamento mais o barbeiro é respeitado. Essa cena do filme reporta aos estudos de Goffman (2009) sobre interação social, em que compara a vida humana a um teatro, onde as pessoas estão sempre representando um papel. Dessa forma, suas ações nunca são naturais, mais aprendidas ao longo do processo de socialização. Assim como um ator atua em um cenário e usa um figurino visando transmitir a mensagem, na vida cotidiana, para obter aprovação social e manter as interações sociais, as pessoas recorrem a fachadas, que correspondem a esforços verbais e não verbais para manter uma atitude coerente diante dos outros, preservando as interações. Dentre os artifícios que possibilitariam ao ator realizar a sua representação, Goffman traz o conceito de fachada (ou máscara) definida como *"o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assume durante um contato particular"* (2011, p. 13).

Nesse sentido, o autor aponta dois tipos de fachada, a “fachada pessoal” corresponde aos equipamentos expressivos que o ator cria para si, como parte de sua performance, como a aparência, expressões faciais e os gestuais. Já na “fachada social”, busca-se uma integração entre a aparência e gestuais com o ambiente onde a interação ocorre. Ambas fazem parte da busca incansável pela aprovação social com manutenção da interação. Deste modo, o ator busca se apresentar da forma como considera que os outros o vêem em relação com o seu estatuto, atuando de acordo com o que crê que esperam dele.

A “fachada pessoal” criada por Rob se mantém por toda sua trajetória até a longínqua terra de Isfahan. A travessia do deserto se mostra muito difícil e consome as forças de Rob, porém, mesmo com todas as dificuldades, o personagem se mantém firme em seu propósito de buscar novos conhecimentos.

A chegada à Isfahan é marcada por um choque de identidades culturais. Rob se vê em meio a judeus, árabes, dentre outros que apresentam modos diferentes de pensar e agir. Ao ser convidado para conhecer a casa de seu colega judeu, Rob é questionado acerca dos modos como parte o pão e a forma como conduz a oração, demonstrando assim que as diferentes identidades culturais se apresentam em todo o ser, desde suas técnicas corporais às técnicas linguísticas e mentais. De acordo com essa ideia, pode-se afirmar que o processo cultural delimita, em grande parte, como as pessoas escolherão suas formas de manifestarem-se nas mais diversas situações, inclusive, em relação às questões ligadas ao seu corpo (GEERTZ, 2011).

Rodrigues (1975) contribui ao salientar que a identidade de uma pessoa não é uma coisa adquirida ao acaso, ela é ensinada e inculcada na mente do ser humano desde o seu nascimento, que a incorpora, muitas vezes, inconscientemente e a transmite em todas as suas palavras e ações. Neste momento percebe-se a adoção de uma nova identidade cultural, que, conforme Freitas (2016) se trata de um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade.

Diante das mudanças necessárias nas terras estranhas, além da religião, Rob também muda suas técnicas corporais (postura, seus gestos, sua forma de falar, comer, se vestir). As orações, retratadas no filme, exigem toda uma postura corporal, a preparação do tapete, a reverência a Allá ao pôr do sol. A mudança na corporalidade e nos gestuais de Rob mostram as fronteiras simbólicas entre as culturas, nas quais o corpo e seus gestuais configuram-se como um espaço de regras coletivamente institucionalizadas. A inserção de Rob em um novo universo, pleno de significados, reporta à noção de cultura de Geertz (1989), que considera que o “homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Como a Cultura para Geertz é eminentemente simbólica, para entender como ela influencia as ações de um determinado grupo, é preciso ater-se às vivências, relacionamentos, ações e interações dos indivíduos no contexto em que elas ocorrem, buscando compreender o simbolismo presente em cada uma dessas ações. Afinal, na visão do autor, a cultura é pública porque o significado é público, construído cotidianamente nas relações sociais e compartilhado no contexto da cultura.

Mauss (1974), contribui com a discussão dessa problemática ao demonstrar as diferentes formas como os homens, de sociedade para sociedade, sabem servir-se dos seus corpos. Neste sentido o conceito de “técnicas do corpo” permite revelar os modos como esse instrumento, que é simultaneamente físico, mecânico e químico, é adaptado e se vai adaptando ao contexto e no contexto social em que se insere.

O corpo atua então como um “suporte de signos” que, segundo Rodrigues (1975), porta em si a marca da vida social, onde é inculcada a preocupação de toda a sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações, seja arranhando, perfurando, queimando a pele, amputando as unhas, fazendo a circuncisão, dentre tantos outros suportes que se explicam por uma razão particular. Esses rituais que dão aos que praticam o sentido de pertencimento revelam a utilização do corpo como um sistema de expressão. Neste sentido um caminho para compreender

o corpo e as práticas corporais é considerá-los como pertencendo ao universo dos símbolos e da comunicação.

A DISSECAÇÃO DO CORPO

Segundo Le Goff e Truong (2006), a Idade Média é o tempo em que as lágrimas eram “*um dom, o sangue e o esperma um tabu, o riso proscrito e o sonho reprimido*”; o tempo em que os estigmas se imprimiam na carne dos eleitos, o tempo da peste, da lepra; o tempo em que os mortos se misturavam aos vivos, com cemitérios em pleno espaço urbano; o tempo dos monstros, dos corpos com partes hipertrofiadas, deformadas, mutiladas ou deslocadas, dos corpos híbridos. O cristianismo aparece no sentido de trabalhar para eliminar estas práticas e tornar o corpo “liso e impermeável”, sem irregularidades, num processo que procurava separar a dimensão corporal da dimensão sagrada. A renúncia ao prazer e a luta contra as tentações eram reconhecidas e praticadas como meios de libertar a alma da prisão do corpo.

Goffman (2009) nos ajuda a pensar como tais estigmas, entendidos por ele como uma situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena, podia marcar e dificultar o convívio social dos indivíduos. Para Goffman, estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, e tem sua origem ligada à construção social dos significados através da interação. A sociedade institui como as pessoas devem ser e torna esse dever como algo natural e normal. Um estranho em meio a essa naturalidade não passa despercebido, pois lhe são conferidos atributos que o tornam diferente.

Na cultura cristã o corpo não possuía autonomia reconhecida e só era compreendido na sua relação com a alma. O interior e o exterior estavam reciprocamente unidos por relações estreitas e analogias explicativas. O corpo na Idade Média era o lugar do paradoxo por ser a sede do pecado, mas também poderia ser instrumento de redenção e salvação. (LE GOFF e TRUONG, 2006). Assim, a medicina ocidental passou por um período de estagnação na época medieval devido aos dogmas cristãos que impossibilitavam a dissecação, resultando em raros avanços. Assim, o desenvolvimento do roteiro do filme está em consonância com as asserções de Rodrigues (1999) quando afirma que a abertura do corpo humano e a dissecação de cadáveres, para a mentalidade medieval, era uma ação inconcebível, um gesto do mais supremo sacrilégio, corroborando a estagnação da anatomia científica.

Embora os avanços proporcionados pelo grande conhecimento do hakim Ibn Sina tenham revolucionado a medicina oriental, havia ainda muitas dúvidas em relação à composição do interior do corpo, bem como ao posicionamento dos órgãos. Essas dúvidas deixavam-no entristecido e

sentindo-se impotente frente ao desconhecido. Tais sentimentos eram compartilhados por Rob que, ao conhecer um homem doente e que não se importava com o que aconteceria ao seu corpo após a morte, vê a possibilidade de sanar suas dúvidas e inquietações com a possibilidade de abertura daquele corpo. Assim, ao morrer, o homem é recolhido por Rob e levado para uma caverna, tendo então seu corpo dissecado pelo estudante. Rob, se admira com as descobertas e se surpreende com tamanhas diferenças existentes entre a composição e localização dos órgãos no corpo humano em relação aos demais animais estudados e as crenças disseminadas pelos estudiosos ao longo do tempo. Cada parte do corpo era meticulosamente estudada e desenhada, tornando assim uma relíquia para os estudos posteriores da anatomia humana.

Ao tomar conhecimento da abertura de um corpo, realizada por Rob, mesmo o repreendendo, o hakim procura saber todos os detalhes, fazendo com que Rob descreva minuciosamente cada parte do corpo. À medida em que a descrição é feita o mestre se admira e se realiza com as descobertas tão diferentes do que era imaginado.

O roubo do cadáver é denunciado por um dos colegas de medicina de Rob, este é então condenado à morte pelo Shah de Ispahan, juntamente com seu mestre Ibn Sina. Neste período da história, religião e poder eram aspectos inseparáveis na vida dos reis e seus súditos. Os reis persas não se consideravam figuras divinas, mas acreditavam ter o direito exclusivo de utilizar os favores divinos. Além disso, se encontravam em um período conturbado, marcado por revoltas e guerras.

Os governantes deveriam ser fortes, cruéis e ditadores em defesa de um bem maior, que era a sua imagem perante a nação que o seguia e venerava. Nesta perspectiva, diversas são as passagens no filme que mostram tais aspectos, dentre eles estão as controvérsias apresentadas pelo Shah, que se via em constante dilema entre suas convicções pessoais e a identidade de um rei tirano. Mesmo acometido pela doença do lado, o Shah não podia trazer marcas em seu corpo que traduzissem sinais de fragilidade, medo ou dor. Tais insígnias distanciavam o rei do status de ser superior e o aproximava do restante da população. Fatos como estes corroboram os dizeres de Rodrigues (1979) quando salienta que a distância social é um ponto sensível da vida social, porque dá a cada coisa o seu lugar, sendo ela manipulada pelos indivíduos. Estes lançam mão de mecanismos formais e informais que lhes são oferecidos pela própria organização social, de maneira que possam evitar conflitos e ambiguidades no desempenho de seus papéis.

A transgressão de Rob, ao furtar e dissecar um corpo humano, foi decisiva para o avanço da medicina, uma vez que o corpo, até aquele momento, era um mistério, devido à uma organização política em que a igreja e o Estado formavam uma só realidade social. A heresia não era vista pelo

povo apenas como um erro religioso, mas também como um crime contra a sociedade. Era uma ameaça contra a ordem social porque esta se baseava na fé.

No mundo medieval existia uma grande aproximação entre o conceito de Estado com o exercício do poder político, por uma pessoa ou por mais pessoas, as quais realizavam obras, cobravam impostos e usavam a força para defender ou controlar o território e seu povo. Na Idade Antiga Oriental, o Estado apresentava como traço fundamental: a teocracia, na qual o monarca acumulava poderes políticos, religiosos e econômicos. Assim, a contribuição de Rob para a ciência foi ainda mais importante pois sua decisão se colocou contra toda uma cultura vigente na época, transgrediu as leis da igreja e rompeu com os tabus do corpo em prol de um avanço científico, que futuramente viria a beneficiar toda a comunidade ocidental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corporalidade humana e a natureza do homem são, de modo geral, uma contradição: a de ser homem e, ao mesmo tempo um ser da natureza e algo diferente de um animal, ou seja, um ser cultural. O corpo, ao edificar-se em símbolos da estrutura social representa simultaneamente a natureza e a cultura em seus muitos vieses. Ao mesmo tempo exprime o que a sociedade deseja e o que a sociedade teme. O filme destaca a natureza dupla do corpo: pura quando controlada e impura e degradante quando desviante e rebelde. Assim as manifestações corporais são construções culturais nas quais o ser humano é levado a se distanciar de sua natureza animal, renegando os processos orgânicos e as manifestações de vida corporal que não podem controlar.

O corpo humano combina elementos biológicos, psicológicos e socioculturais; é permanentemente afetado pela ocupação, religião, estrutura de classes, grupo familiar e demais fatores da cultura, mesmo que seus usos nos pareçam naturais. Neste sentido apreende-se que a estrutura social se encontra simbolicamente impressa no corpo, sendo que, a atividade corporal nada mais faz, senão a torná-la expressa. Enquanto elemento da cultura, o corpo é mais social que individual, pois expressa os princípios estruturais da vida coletiva. Ele é sempre uma representação da sociedade e do tempo em que se situa. Não há processo exclusivamente biológico no comportamento humano. Como parte do comportamento social, o corpo é um fato social (Durkheim, 2003) que se integra a um fato social maior, onde cada parte depende da totalidade para encontrar seu sentido. As relações dos seres humanos com suas necessidades naturais sofrem a mediação de uma cultura que imprime nela as suas próprias concepções.

Pode-se observar no filme “O Físico” que a cultura, a identidade e corporalidade envolvem um imbricado processo de significação e re-significação, onde a natureza humana é modelada pela cultura, transformando o corpo biológico em um corpo social que se desenvolve conforme um tempo e um lugar no qual ele está inserido.

O filme contribui sobremaneira para a compreensão do papel exercido pela igreja no controle do corpo, especialmente na Idade Média. Esse longo período da história ocidental é considerado por alguns como a época em que houve grandes retrocessos, principalmente nos campos político, econômico e social. A hegemonia da autoridade da igreja inibiu avanços, tanto na filosofia quanto na ciência, além de submeter o corpo a pesadas regras morais.

As abordagens apresentadas ao longo da narrativa representam a base para o entendimento sobre as diferentes concepções de corpo criadas ao longo da formação da sociedade ocidental, visto que as mesmas tendem a explicar melhor e entender como o corpo tomou dimensões importantes na construção social, cultural e histórica da humanidade.

O controle da sociedade sobre os indivíduos começa pelo corpo. Assim, durante a Idade Média, houve um grande desprestígio das atividades corporais, sendo o corpo controlado através de severas práticas religiosas. Ao longo do período medieval, as práticas corporais greco-romanas perderam prestígio e a santidade cristã se tornou, cada vez mais, uma virtude e o conhecimento do corpo um ato pecaminoso para a sociedade.

O corpo, quando considerado sob perspectiva estética, era reflexo do paganismo, ou seja, qualquer preocupação corporal que contrariasse a igreja era proibida, já que a mesma tinha poder para tanto.

Além da igreja, o Estado era também muito forte e centralizador dos conceitos e práticas religiosas, tendo no rei soberano a personificação da vontade divina. Religião e autoridade política se confundiam e justificavam a organização da ordem pública, que, por sua vez, proporcionava também a estrutura institucional e administrativa para as religiões.

Só após a política expansionista iniciada por Roma é que se iniciou uma crise que culminou com o fim do império romano, devido a disputas internas pelo poder, a insubordinação das populações dominadas, a propagação de doenças e, principalmente, a invasão dos povos bárbaros.

A forma de vivenciar as práticas corporais foram se modificando ao longo do tempo, à medida que, tanto o Estado quanto a religião, se adequavam à nova realidade trazida pela modernidade. Porém, até os dias atuais, ainda se percebem tabus culturais acerca do corpo, como os estigmas que recaem sobre o corpo deficiente ou obeso, o controle do corpo em prol da religião

ou dos modelos de beleza calcados do corpo malhado e sarado que trazem doenças como a anorexia e a bulimia e demais práticas sociais e tendências que se inserem com grande velocidade e penetração no cotidiano da população como, mais recentemente, as flagelações corporais propostas por jogos disseminados em redes sociais que ainda controlam e modelam a sociedade.

FICHA TÉCNICA

O Físico (The Physician). Alemanha, 2013. 150 min. Dirigido por Philipp Stolz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIM, Mikhail Mikhailovitch. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Hucitec: São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo Martins Fontes, 2007.

ECO, Umberto. *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Dom Quixote: Lisboa, 2010.

FREITAS, Eduardo de. "*Identidade cultural (língua e religião)*"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/identidade-cultural-lingua-religiao.htm>> . Acesso em 24 de novembro de 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. A síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: . *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp.1974.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé. 1975.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

Recebido em: 21 de jan. 2017

Aceito em: 05 de jul. 2017